

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 99

DOMINGO, 6 DE ABRIL

Numero: 300 réis

CHRONICA

Minha boa amiga:

CONTINUA em Londres — Sempre a mesma existencia movimentada e, portanto, relativamente feliz. Viajar, é viver. Nós, os filhos dos povos ribeirinhos, temos no sangue a febre de correr mundo, transpôr oceanos, em busca de novos typos e novas paragens. Não faço o mesmo porque não posso, mas as suas cartas attenuam, e muito, os surdos desesperos da inercia. Observa tão bem... reproduz com tanta verdade e colorido! A sua carta de agora diz mais e melhor sobre as funesta campanha do sul da Africa do que quanto tenho aprendido em copiosos artigos de revistas. Li-a, reli-a: não me farto de a ler.

Não deve realmente ser agradável a vida em Londres neste cruel periodo de derrotas. A tão fallada impassibilidade britannica é apenas exterior e torna ainda mais amargo e cruel o drama intimo de cada alma. Rara é a familia importante que em Inglaterra não tem uma perda a deplorar. Familias e nevoeiros confundem-se no negrume das vestes. Um luto pesado cobre a vasta metropole da riqueza e da liberdade e só a orchidea de lord Chamberlain adquire de dia para dia um vermelho mais rubro e um viço mais insolente com o sangue de novas victimas ceifadas em novas batalhas.

A si, que a conheço, deve ser-lhe tambem penoso em extremo o espectáculo. Tambem a mim. Ambos tinhamos pela civilização britannica uma sympathia a que o respeito não era estranho. Veiu-nos elle talvez da commun idolatria por Shakspeare, o maior genio de todos os tempos. Recordar-se do regalo mental, do intenso gozo com que, juntos, percorremos e commentámos as obras primas do poeta! Ainda hontem o admirava na versão italiana do *Romeu* — «Il sonno discenda sui tuoi occhi, la pace sul tuo cuore, e foss'io quel sonno e quella pace destinati a così dolce letto.»

Depois percorremos a nova Carthago. Lembra-se da irreverencia com que um dia, em um almoço sobre a relva verde esmeralda dos arredores de Windsor tratámos a anglophobia de Henri Heine? Estou em acreditar que elle nunca sorvera o orvalho de uma manhã da primavera londrina, debaixo de um céu de um azul felino com uma ligeira brisa nevada que rosava por igual a pelle macia e transparente da minha linda «partenaire».

Voltámos encantados da excursão: da energia forte dos homens; da graça simples das mulheres; do encanto infinito dos lares; da liberdade escripta

em cada consciencia, em cada palavra, acto ou gesto; do respeito consciente pela lei; do amor hieratico pelo passado. Não nos deslumbrou e muito menos nos seduziu a riqueza; mas quem poderia ficar insensível a esse prodigioso hymno do trabalho?!

Quem nos diria que em tão curto prazo haveria de assim transformar-se a civilização que tanto havíamos admirado! A minha boa amiga ex-

são «os novos»... de então. Nem um livro, nem um drama. Um enxame de criticos, minha boa amiga, que nem sequer, por falta de assumpto, têm que fazer. Se voltasse, teria pena. Deixe-se ficar por lá. A illusão e a saudade farão com que me não acredite, mantendo intacto esse respeitavel sentimento de orgulho com que sempre se refere ao Brasil.

Jacques Bonhomme.

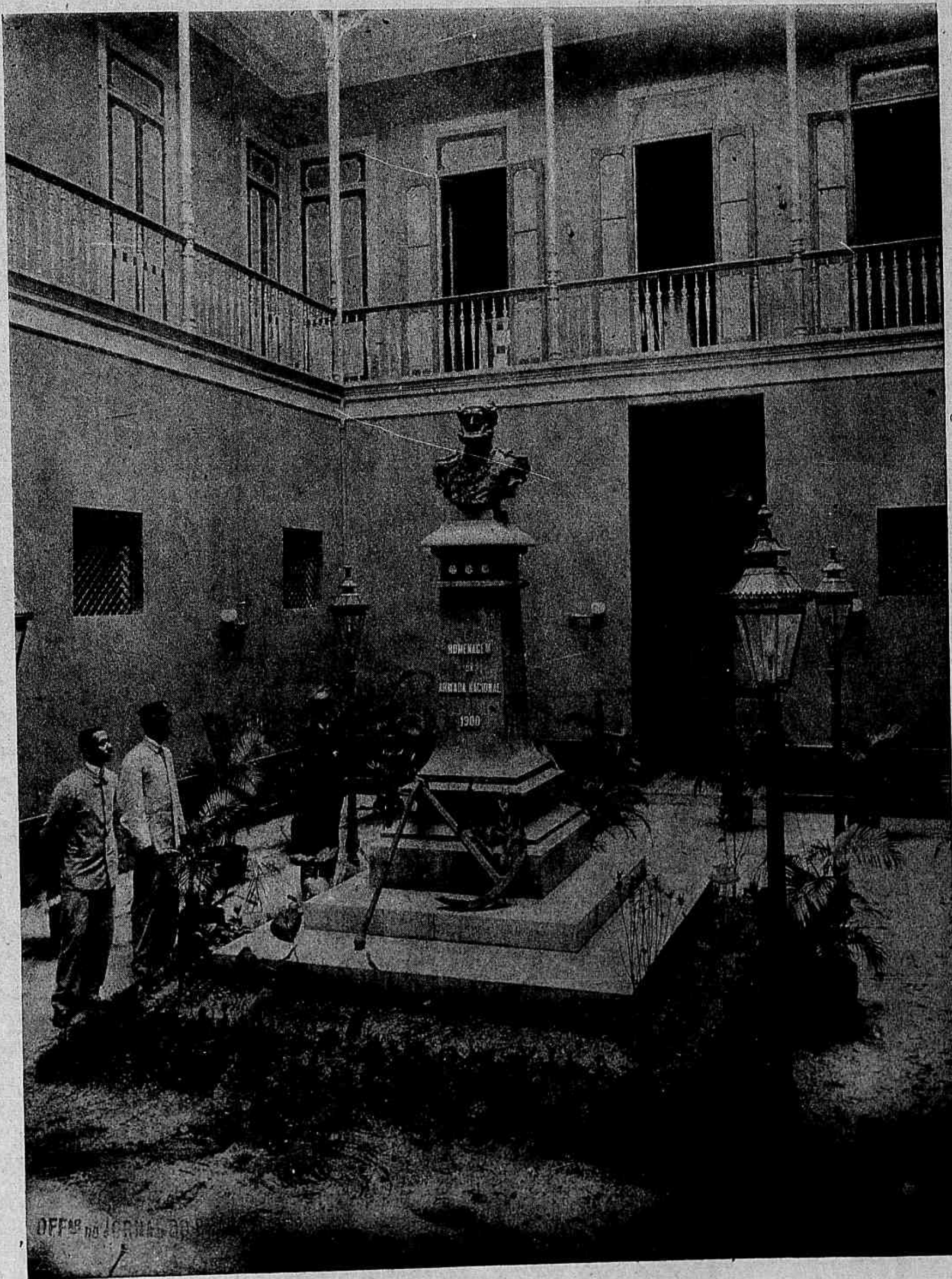
O CHIMPAZE' MARINHEIRO

NA manhã hilariante de sol de um remoto domingo do anno de 1880, Victor Vasques tomava o bond da Saúde para ir a Gambôa, ao modesto mas carinhoso lar de uma familia amiga, cujo chefe, velho marujo aposentado, havia sido um dos melhores camaradas de seu pae nas trabalhosas viagens da India — quando, mal o vehiculo recommençara a marcha, dous rapazes inglezes, robustos, de rosto escarlate, vestidos de branco e com altos capacetes de cortiça, assaltaram os balustres sentando-se no banco em que ia. Reconheceu-os logo. Eram os filhos do *shipchandler* Wilson, que elle frequentara tantas vezes, aos domingos no tempo do Collegio Naval, para, na sua grande paixão pelo mar, então em plena effervescencia, fazer o conhecimento dos capitães britannicos e visitar os seus navios. Mas os rapazes, a principio, nem repararam nelle, absorvidos na sua alacre conversação em inglez, que o Victor comprehendia, entretanto, por uma ou outra phrase conhecida.

Iam a uma excursão maritima. Isto e o desejo intenso que o agitava de lhes fallar, recordando os dias passados em que, uma vez por semana, partiam juntos, em companhia do velho Wilson, por identicos passeios ou pequenos bordejos pela bahia no seu veleiro cutter, o *Mull*, cuja alegre denominação lembrava ao antigo marinheiro a ilha querida onde nascera, na Escocia — levaram-no a não lhes tirar mais os olhos de cima, para que o vissem. Com effeito, instantes após, ao entrar o bond a Prainha, os dous rapazes, voltando-se de repente no banco e vendo-o alli, romperam em exclamações de ale-

gria, sacudindo-lhe as mãos fortemente, em uma saudação affectiva. E depois de lhe perguntarem com carinho por onde andara que fazia quasi um anno não lhes apparecia, convidaram-no a acompanhá-los na excursão que iam fazer a bordo de uma galera ingleza, a *Spring*, que se achava ancorada em frente á praça da Harmonia e que, já de panno envergado, devia partir, dentro em breve, para Dublin.

O Victor, a principio, hesitou, entre as alegrias do lar que o esperava á Gambôa e o convite tentador que lhe faziam os rapazes. Venceu, por



Monumento que á memoria do Almirante Tamandaré levantou a admiração dos seus camaradas da Armada Brasileira, no pateo interior do Club Naval. (Phot. da Revista da Semana.)

plica o phenomeno por uma vesania de momento. Não acredita na perpetuidade endemica da crise. «Ha de passar» exclama. Deus a ouça. Custa tanto ter de reformar idéas que se julgavam exactas e inventar noções que se suppunham positivas!

Vejo, pelo final da sua carta, que tudo quanto se refere a literatura e arte continua a interessar. Mas é com magua bem sincera que não posso responder-lhe. A geração de outros tempos, da epoca em que deixou o Brasil, era bem mais productiva que a actual e os que ainda hoje nos encantam com a plasticidade da prosa ou a musica do verso



ESTADO DE S. PAULO — CAPITAL

Hospital do Isolamento — Avenida do parque —
Grupo de enfermeiras.

cos, coroados pelo pinheiral dos mastros, nús das brancas velas saudosas, com os tópes finos dos mastaréos suspensos, como entre lianas, na trama negra dos cabos...

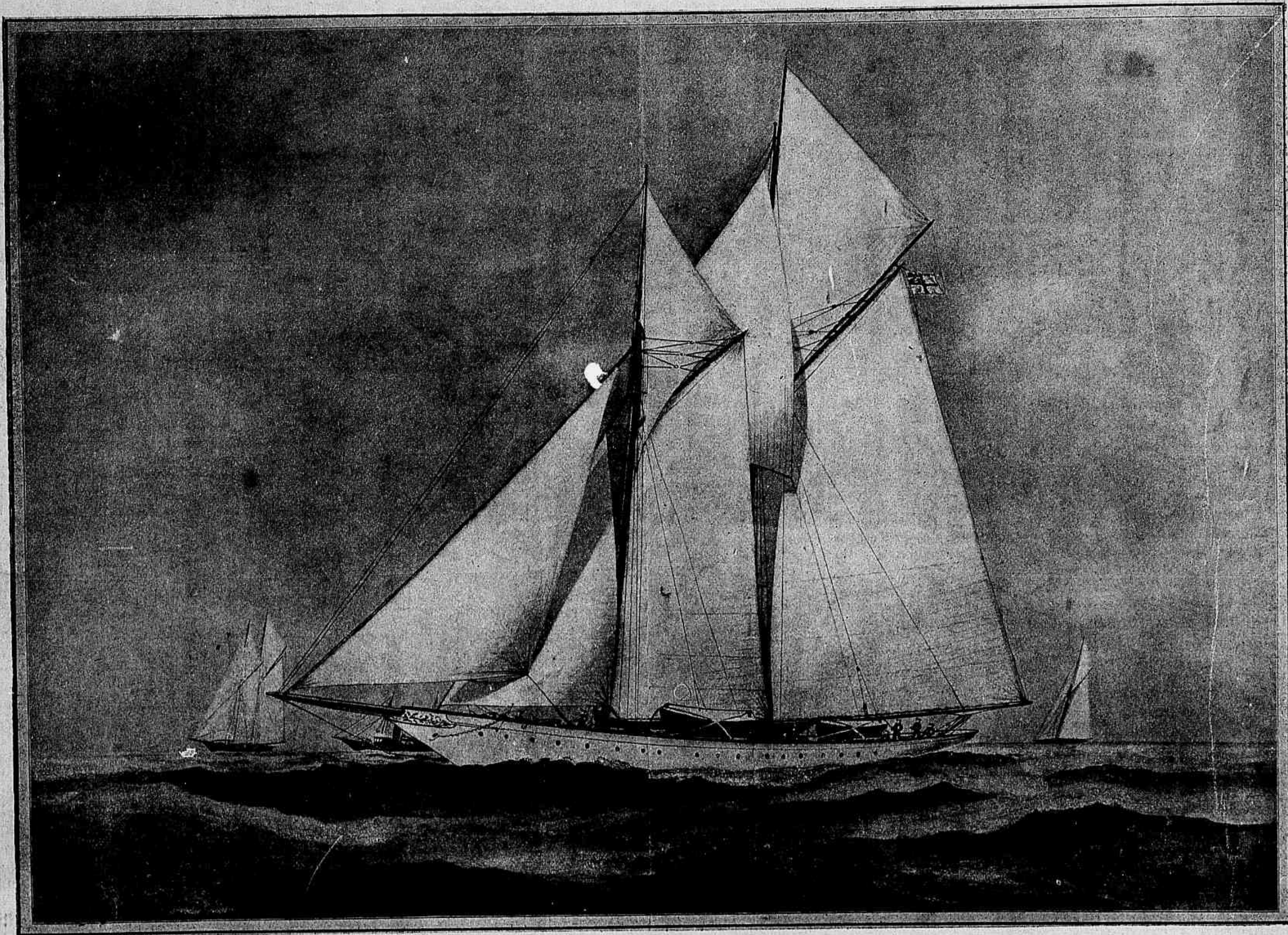
Apressados e ruidosos, num alvoroço de jovens matelotes de outras edades partindo pela primeira vez para aventuras viagens, a mente sonhadora cheia das lendas ineflavéis das sereias mysteriosas enchendo de encantos e amores as solidões do alto mar — esquadrihavam os tres as aguas em volta, em busca do escalor da *Spring*, quando um grumete de bordo, muito louro e de grandes olhos garços, surdiu de repente ao pé delles, dizendo a um dos Wilsons que o bote estava já atracado. Desceram então a correr a pequena escada da ponte, que as ondinas babujavam lá em baixo, em caricias espumosas, cobrindo-a de rendas de prata.

Prestamente, num tinir vivo de cróques, chocando-se ao longo das vigas pelo alto das estacas, o escalor vogador abriu rumo para o largo. E logo a singradura entrou a desenrolar-se, numa velocidade embalante, por entre hiates, patachos, lúgarres e barcas de todas as nações do mundo que alli



ESTADO DE S. PAULO — CAPITAL

Hospital de Isolamento — Pavilhão n. 2 — Grupo de enfermeiras.



«Netcor III» — Novo yacht do Imperador da Allemanha, construido nos Estados-Unidos, sendo madrinha do baptismo Miss Alice Roosevelt, filha do presidente da União Americana.

fim, o ultimo. E os tres entraram então a confabular alegremente sobre cousas da sua vida passada, enquanto o bond rolava ao trotar dos animaes tilintando as campainhas. A' esquina da rua do Livramento saltaram, dirigindo-se para a praça da Harmonia. Em um marche-marche vigoroso, em pouco chegaram ao cães.

A immensa bahia de Guanabara faiscava ao sol, por um retalho grandioso das suas aguas, estreitado ali numa curva de enseada, tendo á esquerda o cabço alto da Mortona, á direita a vasta mole dos armazens de madeira, com as suas pontes fluctuantes coalhadas de velhas barcas. Em torno ao pequeno trapiche gradeado, alguns botes do trafego palpitavam na mareta amarrados ás estacas, enquanto outros cruzavam-se fóra, de terra para o mar, e vice-versa, por entre um cantar de remadas. A poucas braças de distancia, sobre um pontão cheio de guinchos, uma barca querenava, deitada de banda, as vergas em verticaes, mostrando o fundo de ferro todo em chapas escarlates. E para o largo, no ondular calmo das vagas que o nordeste arrepiava, uma infinita multidão de cas-



ESTADO DE S. PAULO — CAPITAL

Hospital do Isolamento — Pavilhão n. 1

mosqueavam as aguas. Em pouco, na linha exterior de franquia, onde carregavam e descarregavam steamers, a *Spring* se desenhou, no seu alto casco verde-escuro, proada ás grossas amarras. Levando remos á distancia, o bote atracou ao costado. Immediatamente, lá acima, ao portaló da galera, uma figura athletica de marítimo assomou, com um riso de bonhomia na larga face escarlate, ornada de curvas suissas.

Os Wilsons, já de pé no panneiro, tirando os seus capacetes de linho, gritaram-lhe num alvoroço:

— Good morning, capitain Evans! Good morning!

E tomando o Victor pela mão levaram-no escada acima.

Feita a apresentação do amigo, que foi acolhido affectuosamente como os dous jovens inglezes, o capitão conduziu-os a todos para o amplo tombadilho do navio, onde se elevava a gaiúta envidraçada, a roda do leme e a bussola, faiscando como se fossem de ouro sob o grande toldo de lona. E, enquanto o Evans falava aos companheiros

sobre os ultimos preparativos da viagem, o Victor, na sua insaciavel curiosidade pelas cousas de bordo, ia observando já de relance o vasto convéz da *Spring*. Ao subir a escada de salto, porém, uma surpresa deliciosa tomou-o, arrebatou-o de repente.

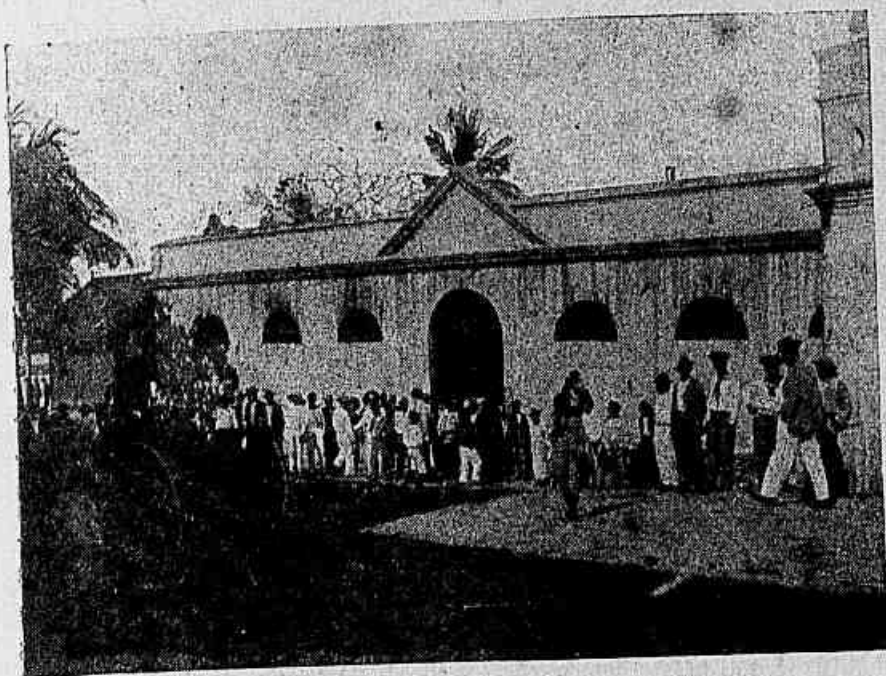
Virgilio Varzea.

(Continúa).

AS TRES VELHINHAS

As Tres Velhinhas conversam com o Mar. E cada uma vae contando a sua dolorosa historia de lagrimas e lutos — absorvidas nos longes do seu sonho, a dialogar com elle.

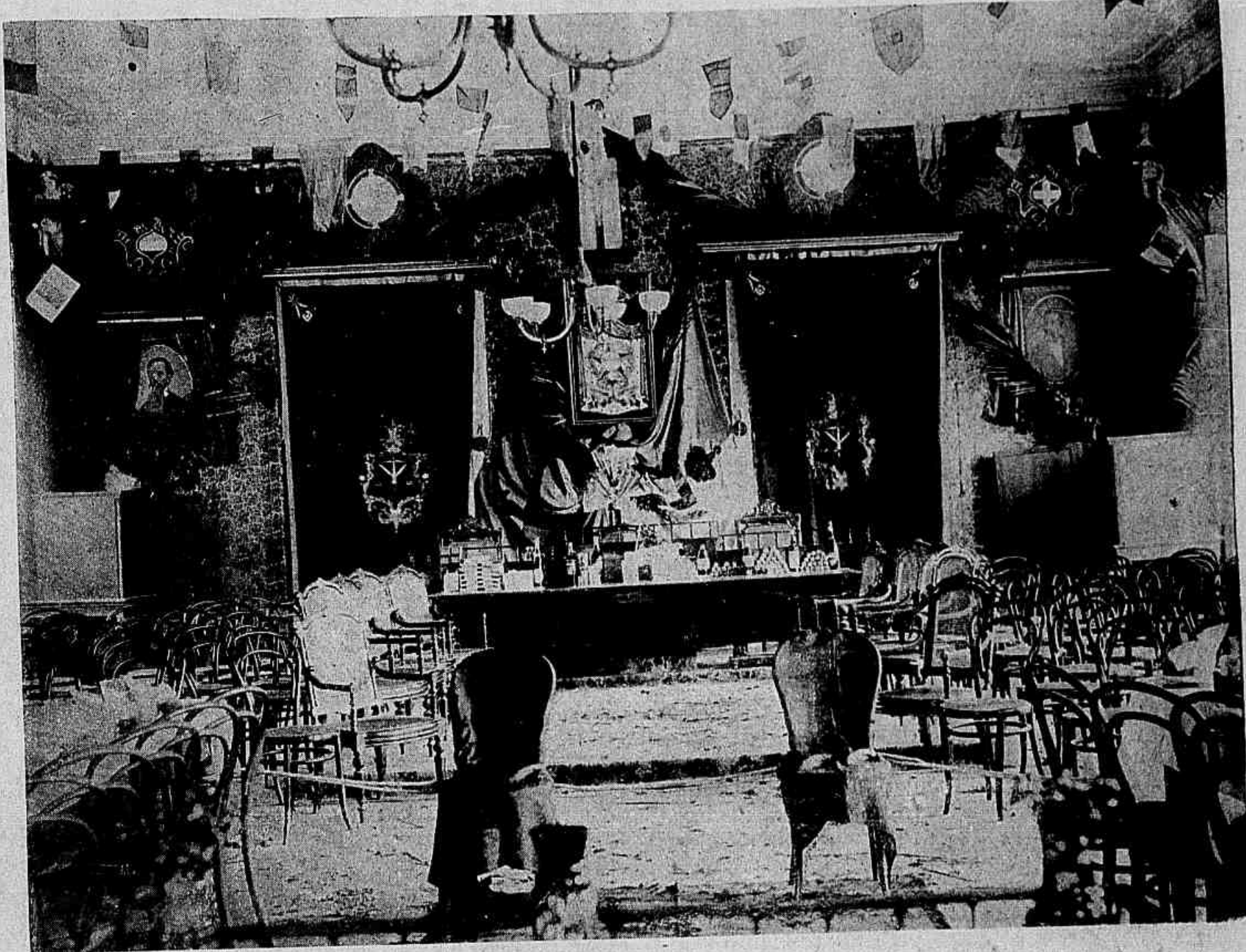
Uma fôra fiandeira. Os pescadores namoravam as estrellas de ouro dos seus olhos, quando ella fiava o linho, cantando ao luar. E os seus cabellos cahidos eram tão finos, que muitas vezes os seus dedos enganavam-se — punham-se a fial-os. Fôra rica, amada, feliz. No casal branco da praia, dir-se-ia que Nossa Senhora dos Navegantes viera fazer o seu lar. Tinha este nome lindo a lancha es-



Mercado — (proprio municipal) Paranaguá — Estado do Paraná.

belta do noivo, de brancas vélas e finas, tecidas pelas suas mãos.

Oh! a clara manhã dourada em que se casaram, sob repiques alegres de sinos ao sol, na Ermita branca da Boa Nova! A horta enchia-se de cravos e o seu lar de risos de infancia a cada primavera. Mas annos correram. E um dia, aquella que conhecera toda a alegria do mundo ficou sósi-



ESTADO DE S. PAULO—CIDADE DE SANTOS

Interior do salão do Tribunal de Jury onde, no dia 23 de fevereiro do corrente anno, se realizou o almoço aos presos, promovido pelo *Jornal do Brasil* e *Revista da Semana*.
Sobre a mesa do centro acham-se os presentes offerecidos pelas familias santistas aos encarcerados.

nha com a sua dôr. As ondas revoltas arrojaram á praia os cadáveres abraçados dos filhos e do marido, ainda com os escapularios bentos nos pescocos roxos.

Fôra mulher da vida, a segunda Velhinha. Sem pae nem mãe, o ruivo marinheiro de outros paizes a quem ella amou, partiu um dia na sua galéra — e nunca mais voltou. Jaz, quem sabe! na valla commun do mar. Outro a amou e a abandonou com um innocentinho. Correu o seu fado pelo mundo. Errou ao frio dos caes desertos, á noite. Gaivota perdida, ao vento da desgraça, não houve para ella o abrigo de um ninho na terra. Nunca teve senão humilhações, fomes, pancadas. O primeiro beijo desflorou-lhe na alma todos os sonhos. Os outros não fizeram senão empedrar-lhe em sangue e lagrimas o coração. Viueu de magoas. Sustentou-se de amarguras.

Quando lhe cahiram os dentes e os cabellos, e já ninguém a queria, pobre esqueleto delido nas lagrimas, fez-se mendiga. De novo a trouxe o destino para junto do mar que a viu nascer. E os filhos dos pescadores que ella amou, dão-lhe esmola quando passa, a tactear a cova com o cado, por entre as pedras da praia.

De que miserias mais tragicas ainda, de que martyrios mudos e inconsoleveis será feito o luto de um Passado para dar tal expressão de dôr suprema ás feições da Terceira Velhinha? Mais curvada ainda para o chão, de que pesado fardo de amarguras a carregou o implacavel Destino?

A's vezes choram as outras, a certas horas em que o Mar parece soluçar mais alto de saudade. Mas nos seus olhos gelados, dir-se-ia que as lagrimas seccaram, de tantas haverem chorado. Como alguém a quem tivessem arran-

cado a alma, fica horas e horas no seu immovel desespero abstracto, a contemplar as aguas, quando ja do outro lado dos céos a Lua começa a sua ronda...

— E tu (pergunta o Mar) dize tu que agonias, que martyrios te crucificaram no pa-sado? Como as outras, tiveste um noivo, um amante um lar — alguém que te amou e que morreu?

Sacudiu a cabeça branca a Velhinha, triste como a Noite. E disse a Velhinha ao Mar: — Oh! a mim, nunca ninguém me teve amor! — E mais dolo-



CICERO JOAQUIM DE OLIVEIRA

autor do assassinato de Eduardo Alves da Fonseca na tarde de sabbado de Alleluia.
29 de março, na estação da Piedade, rua Gomes Serpa.

roso do que as outras, que tinham desvendado o fundo de toda a dôr humana — mas a quem o Destino dera também o Amor, o milagroso amor, que tudo transfigura e redime — o seu olhar de novo se voltou para as ondas do Mar, do Mar esteril e amargo como a vida daquelles a quem nunca ninguém amou.

Justino de Montalvão.



Jóias roubadas por uma quadrilha de gatunos e apprehendidas em diversas diligencias pelo dr. Edmundo Muniz Barreto, chefe de policia.
(Phot. da *Revista da Semana*).

OS THEATROS

PORQUE não apparece gente nova no theatro? Porque é tão difficil o recrutamento de bons artistas no theatro brasileiro?—perguntava eu, na

Revista de sexta-feira ultima. E deixei para hoje a resposta, porque o tal rodapé ameaçava ficar mais comprido que a famigerada legua da Povoá.

Nem pensam os leitores da *Revista da Semana* que o folhetinista attribua ao seu parecer sobre este e outros assumptos uma infallibilidade de charlatão. A critica jornalística é, em grande parte, uma forma intelligente de interpretar o juizo do publico, que raras vezes se illude, quando de boa fé. A critica não tem o monopolio do criterio, e hoje, com a diffusão da leitura e o inter cambio mundial de idéas, ha dezenas de espectadores que entendem de theatro, pelo menos, tanto como nós. As formulas mais concisas e syntheticas sobre as peças e os interpretes quasi sempre as tenho ouvido do publico. Não ha muito tempo que, assistindo á primeira



URSUS (JOÃO BARBOSA)

representação da *Gioconda*, de d'Annunzio, pela companhia *Della Guardia*, fiquei tolhido de pasmo, ouvindo um espectador recitar-me, do lado, inteirinha, no mais puro italiano, a famosa canção da Sirenetta:

Eravamo sette sorelle.
Ci spechiammo alle fontane:
eravamo tutte belle.
— Fiore di giuncio non fa pane,
mora di macchia non fa vino
filo d'erba non fa panno lino—
la madre disse alle sorelle.

O meu maior desejo seria, pois, que o publico collaborasse largamente nestas chronicas, porque a intenção da *Revista* é agitar, movimentar, galvanisar o nosso theatro, interessando o publico neste renascimento da mais agradável e util de todas as litteraturas: a litteratura dramatica.

A causa da difficuldade no apparecimento de talentos jovens com aptidões theatraes está em que a profissão de actor é por uma grande parte do publico considerada como uma das modalidades da vadiagem.

O defeito não é brasileiro, é americano. Ha dias, lendo em um jornal inglez uma correspondencia theatral de New York, por signal que muito bem feita, lá encontrei o seguinte periodo: «The average young american who is well educated looks upon an actor as a loafer and prefers to go into business:» O joven americano das classes cultas considera o actor como uma especie de vadio e prefere dedicar-se ao commercio. Por outra, o defeito não é nem brasileiro nem americano, mas proprio de todos os paizes novos, onde a luta pela vida, na sua formula mais



Roger (M. Dubosc) Baptistin (M. Gildès) Jacqueline (Mme. Réjane) Rosaline (Mlle. C. Caron) Blenalmé (M. Tarride)
VAUDEVILLE — LA PASSERELLE — Acto II

cruelmente positiva, absorve as melhores actividades.

Escusado será dizer que não ha accusação mais injusta, porque não conheço modo de vida mais trabalhoso e fatigante, especialmente no Brasil, onde a concurrencia limitada obriga a renovar a cada momento o cartaz.

Em regra, o artista tem uma no sacco, outra no papo, como se diz vulgarmente. Vae para o

nossa raça, não ha salvação.

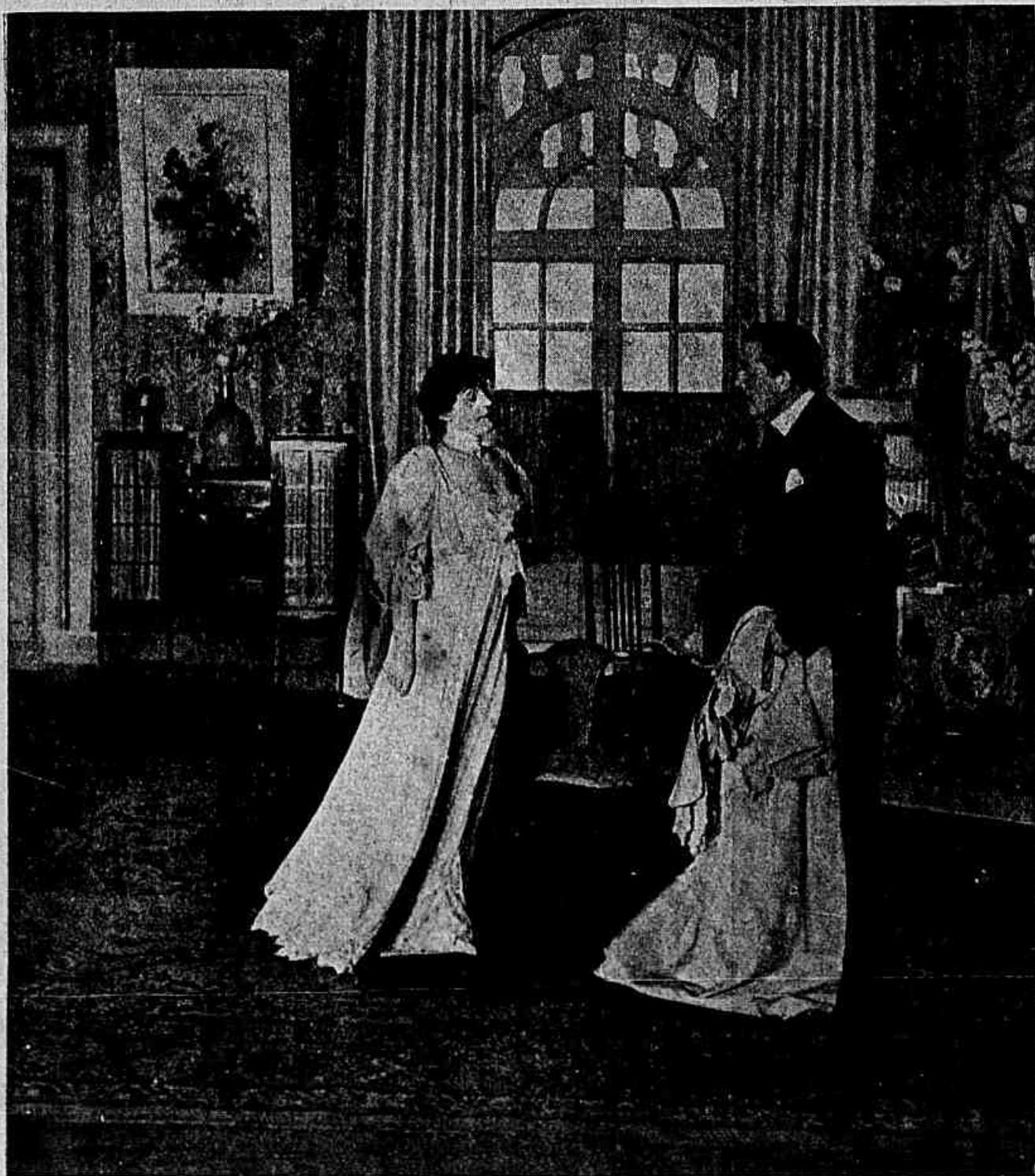
Conta-se ás centenas o numero de moças e mulheres a quem a necessidade ou outras causas menos confessaveis despenham na galanteria. E' um mal... mas e um facto. A perdição; em these, nada tem que a justifique e só o estudo minucioso dos casos especiaes póde determinar algumas absolvições. Mas a Arte lava socialmente todas as culpas, porque desclassifica os seus eleitos do meio normal para integral-os em um grupo aparte, regido por convenções especiaes. O resto é com a consciencia e com Deus.

No numero da *Revue ex-Revue des Revues*, correspondente a 15 de fevereiro proximo passado, uma senhora diplomada pela Universidade, a sra. dra. Kaethe Schirmacher, occupando-se do trabalho das mulheres em França, escreve o seguinte, a respeito das que se dedicam ao theatro:

«Podemos computar, grosso modo, em 9.000 o numero de francezas que se occupam de theatro: 4.591 artistas lyricas, 1.491 artistas dramaticas, 349 artistas musicos, 436 dansarinas, etc.

As grandes scenas parisienses occupam apenas 190 artistas contra 762 homens, pertencendo tambem a estes a administração e o machinismo.

Só as «estrellas» conseguem, pelo exclusivo exercicio da sua arte, chegar a uma situação economica brilhante. Fóra dessas, só as contratadas da Comedia Franceza podem, querendo, levar vida independente porque o minimo de honorarios—6.000 francos—lhes basta, visto a administração tomar a seu cargo todas as despesas de toilette, accessorios, etc.



Jacqueline (Mme. Réjane) Roger (M. G. Dubosc)
VAUDEVILLE — LA PASSERELLE — Acto III

theatro ao meio-dia e ensaia até ás 4 horas, janta ás pressas e, ás 7½, está no seu camarim, caracterisando-se e vestindo-se, á 1 hora da madrugada deita-se, quasi sempre extenuado, no dia seguinte é preciso levantar cedo para estudar o papel. Ao meio-dia, ensaio. Conhecem grilheta mais apertada?...

E' preciso, pois, elevar o nivel moral da profissão, dignificá-la, prestigial-a por tal forma que seja uma honra e não um labéo entrar para ella. Só assim conseguiremos atrahir, não os grandes de primeira classe, os Rafael Diaz de Mendoza, porque não os temos, mas os elementos de certa cultura e educação nos dous sexos.

Uma Escola de Arte Dramatica, mais tarde elevada a Conservatorio, solveria talvez o problema, dando á profissão esse verniz, esse brilho, essa chancellia, tão respeitadas pelos povos latinos.

Bem sei que as escolas e os conservatorios não emprestam talento a quem o não tem mas educam os que o possuem, encaminham e illustam as vocações e, sobretudo, dão-lhe um valor de taboleta, fóra do qual, nos povos da



2º RABBINO (ARY NOGUEIRA)

Mas outro tanto não acontece com os artistas dos outros theatros que são pagos á razão de 150 a 500 francos mensaes, com todas as toilettes á sua custa.

«A menos de uma coragem excepcional ou de uma sorte inesperada, a comediante é invencivelmente impellida para a galanteria» escreveu uma grande actriz.

E isto succede a 10.000 mulheres.»

O exercicio da profissão theatral seria, pois, entre nós, uma attenuante para o peccado intelligente, um tonico ou um contra-veneno para o fastio inherente ás ligações de occasião e um recurso contra o abandono ou a velhice. E é impossivel que entre centenaes de creaturas jovens, formosas e de azougue nas veias, não haja algumas vocações sérias. Somos uma raça intelligente, possuímos a mais bella lingua que jamais cantou o amor, o odio ou o heroismo; herdámos da Grecia a plastica; de Roma a magestade; do celto um vago messianismo idealista; do berber a argucia nervosa e as paixões extremas; porque não teremos artistas? Porque a Arte, entre nós, em vez de Templo, é ainda expediente, recurso, refugio dos que na luta pela vida não encontraram logar mais vasto ou mais farto, onde commodamente aninhar-se.

Salvam-se, é claro, honrosas excepções. Não as identificarei. Não sou catão, sou apostolo ou antes, modesto levita de uma causa que muitos julgam perdida.

Perdida?! Não, não está. Basta que algumas vontades firmes, esquecendo-se de si e dos outros para só se lembrarem do theatro, resolvam soerguel-o do abatimento em que tem jazido. Uma vontade robusta «com tempo e paciência» como diz o Maximo do *Come le foglie*, tudo vence. Um empresario intelligente, abrazado pela fé que remove e desloca montanhas, attrahirá de novo esse publico que a nausea e o tedio tornaram arredio e esquivo. Não morre a belleza, e para a illusão theatral concorrem, em amoravel communhão, todos os aspectos que a belleza reveste para se nós ma-



SPORUS, centurião

(ARRUDA)

nifestar. Não ha ramo das bellas letras ou das bellas artes que ao theatro não empreste o seu contingente. A literatura dramatica tem exhibições magnificas, resurreições prodigiosas. E' um regio regalo para os esthetas; uma excellente escola para o povo, o mais energico dos revulsivos para as almas cobardes ou abatidas. O seu poder é immenso agindo directamente sobre os espiritos, sem o desperdicio de força inherente ao intermediario inerte, livro, pamphleto ou jornal. E' o supremo recurso da liberdade offendida; a suprema gargalhada do ultimo a rir, a carga final que decide das grandes batalhas em que o ideal está em jogo.

«Mas no theatro soffre-se muito dirão os leitores». Oh! sim, muito; mas eu lamento os que nunca soffreram, é signal de que ainda não viveram.

Eugenio de Magalhães realizou a sua festa artistica com a *Morgadinha de Val Flor*. A casa completamente cheia; os artistas muito applaudidos; a peça sempre nova.

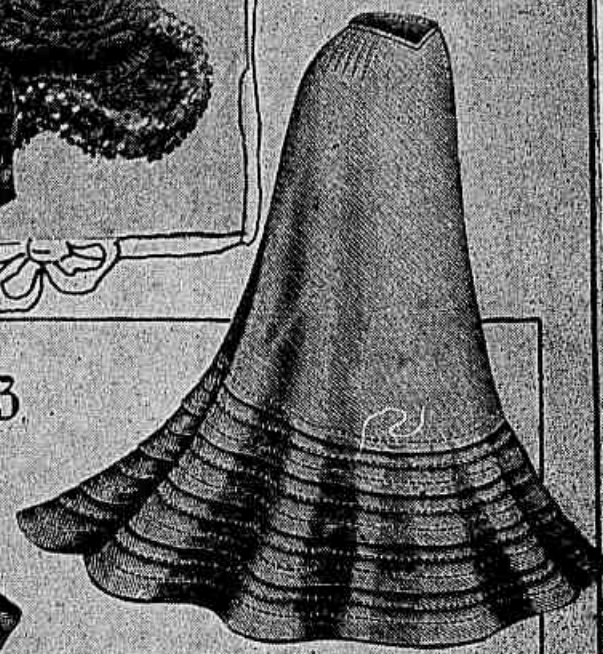
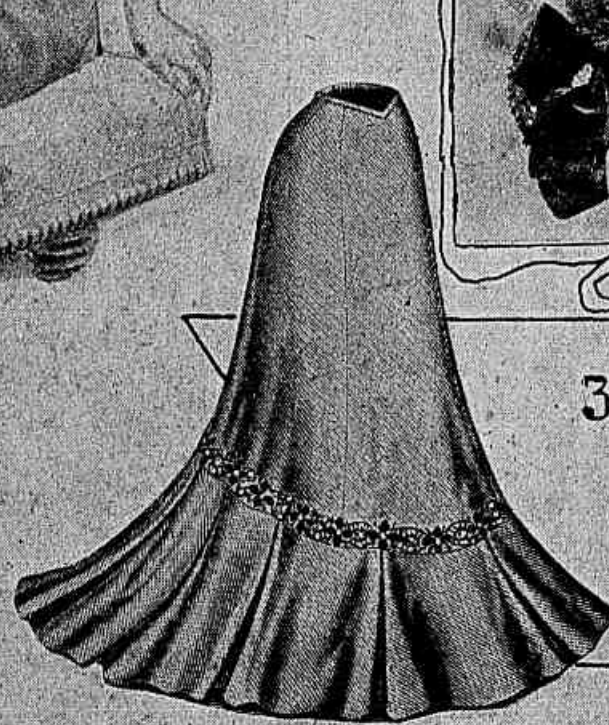
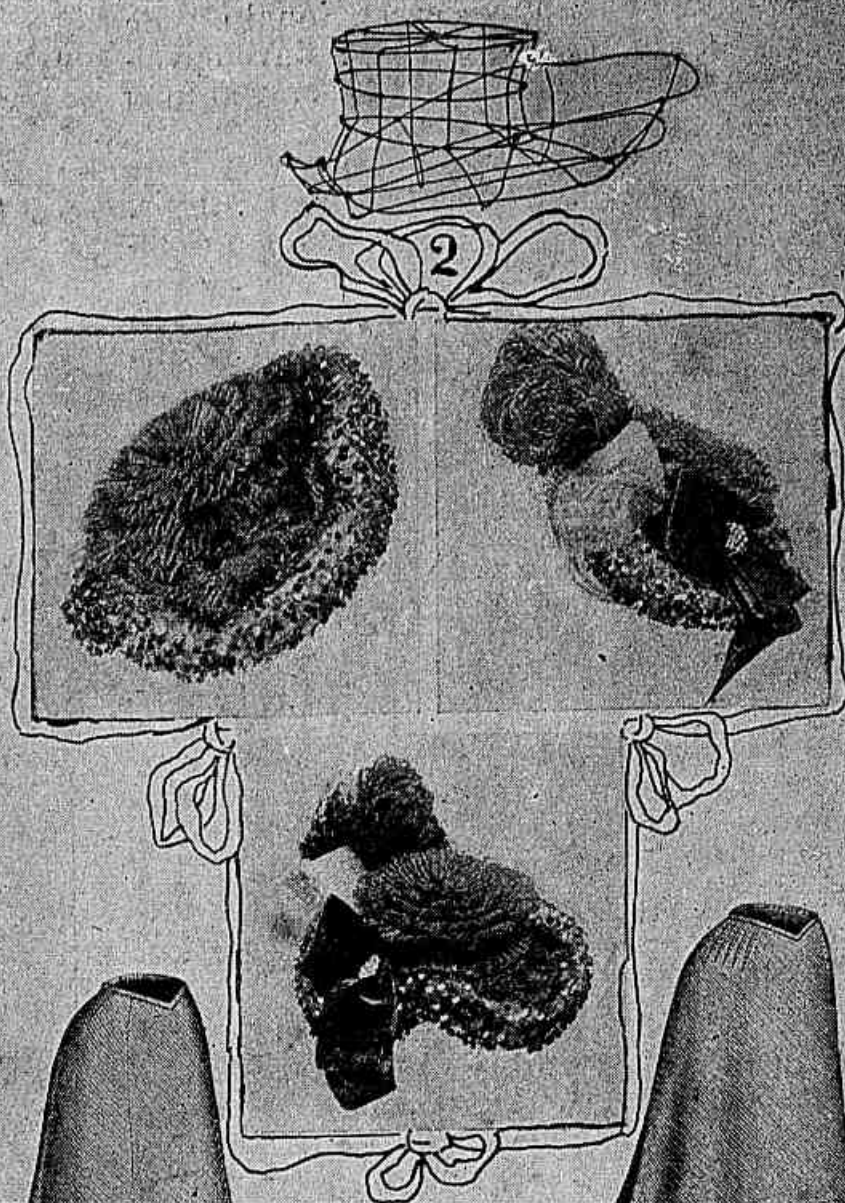
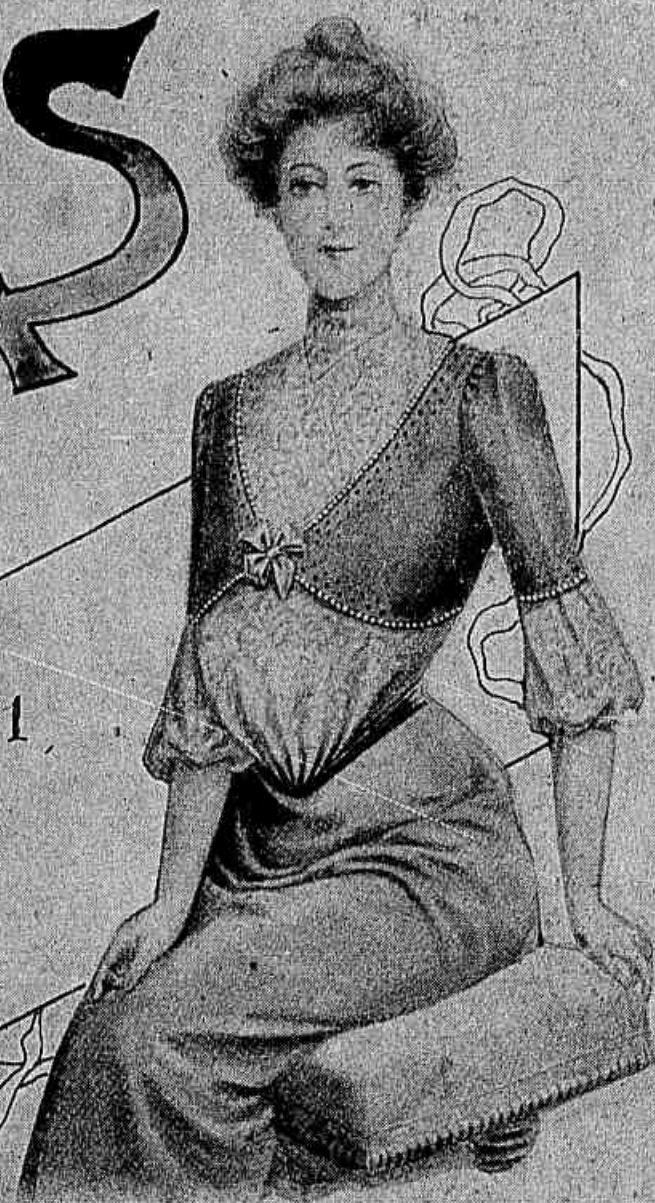
De resto terão occasião de vel-o em breve em trabalho de grande responsabilidade, e em que os seus recursos artisticos podem expandir-se á vontade. Na *Honra*, de Sudermann, que succederá ao *Quo Vadis?* no Recreio Dramatico, elle creará o Roberto Heinecke, um dos papeis mais brilhantes do theatro contemporaneo.

No theatro Recreio Dramatico proseguem os ensaios da *Honra*, de Sudermann e marca-se a comedia de Labiche e Goudinet—*O mais feliz dos tres*—No Lucinda realizam-se os ultimos espectaculos da empresa Cinira Polonio antes da partida para S. Paulo. Peixoto fez um beneficio muito concorrido, com farta messe de applausos. A companhia representou *A direcção dos balões*, comedia em, um acto, original do actor Pedro Augusto, tão mal desempenhada que nem nos permittiu julgar do merito do autor. A 12 do corrente estreará no Apollo a companhia Tomba. O *Quo Vadis?*—mantem-se em successo constante. **Farfalla.**



QUO VADIS? — Acto III — Quadro VIII — O incendio de Roma.

MODAS



DA REVISTA

Modas da Revista — 1 —

Tres novos modelos de blusa, com as golas modernas em ponta. São tres feittos muito bonitos e de facil execucao.

2 — Uma bonita toque, para senhora; damos primeiro o modelo em arame, depois guarnecido com filo, terceiro com o laço e a gaze e quarto com os ultimos retoques e a pluma.

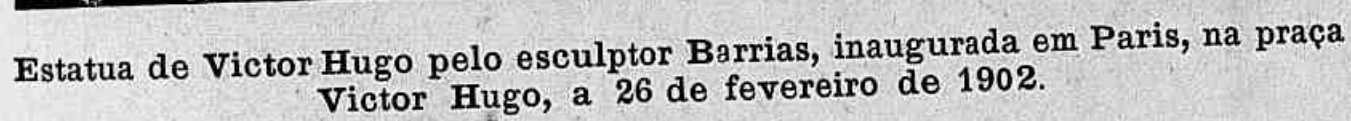
3 — Duas saias com babado em fôrma; a primeira o babado é feito todo de pregas, chamadas machos. A segunda, muito bonita, mas é um tanto trabalhosa, é cortada tambem com um babado em fôrma, todo guarnecido de viezes pospontadas.

4 — Vestido para recepção, de voile branco guarnecido com rendas e galão de vidrilhos tambem brancos.

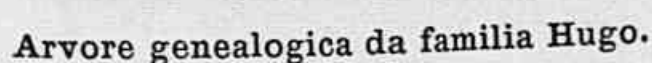
5 — Vestido escossez, para passeio, guarnecido com fazenda lisa pospontada da mesma.



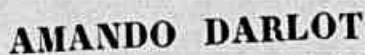
Off. do JORNAL DO BRASIL



A pagina de honra do presente numero da *Revista* é occupada pelo monumento que á memoria do almirante Tamandaré, uma das mais puras glorias da marinha brasileira, levantou a



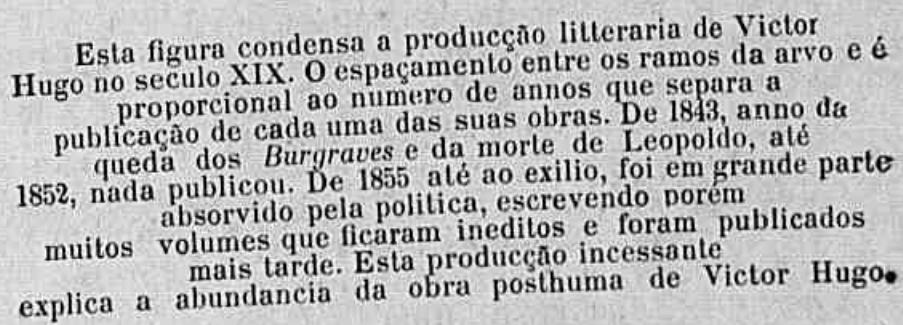
honra aos serviços sanitarios da adiantada capital paulista. Modelo de conforto, salubridade, asseio e até elegancia, é elle servido por um grupo de en-



Director-thesoureiro da Companhia Sul-America, fallecido
a 3 do corrente.
Cavalheiro geralmente estimado na sociedade fluminense.

fermeiras dedicadissimas, todas inglezas menos uma, brasileira, que na segunda gravura da segunda pagina occupa o primeiro logar, á direita do leitor. No proximo numero, a *Revista* espera dar, em ponto grande, esse corpo de *élite*, abençoado por quantos têm tido occasião de receber-

As paginas dedicadas ao Theatro, como sempre, interessantissimas. Theatro nacional represen-



tado pelo *Quo Vadis?* theatro estrangeiro por dois bellos instantaneos da peça em pleno successo em Paris—*La Passerelle*—um triumpho para a Réjane.

A pagina de Modas continuava a ser um dos maiores successos da *Revista*.

A' ultima hora, já quando a *Revista* entrava na machina, fomos sorprendidos pela noticia da morte do sr. Amando Darlot, director-theosoureiro da Sul-America e cavalheiro muito conhecido e estimado nesta capital.

Soffria, ha muitos annos, de calculos biliares mas, ultimamente, o seu estado aggravara-se zombando de todos os esforços da sciencia.

Pôde ainda a *Revista da Semana*, por um *tour-de-force*, dar neste numero o retrato do finado, temperamento energico, intelligencia clara e probidade nunca desmentida.

Finalmente, a *Chronica do Crime, Bambino* e *Albert Guillaume* completam o magnifico conjunto deste numero variado, ameno e nitido.

HA, graças a Deus, muitos homens ricos para quem a fortuna não é tudo e que procuram pelo próprio esforço, pelo próprio talento, crear-se um nome distincto nas sciencias, nas letras, nas artes, na industria, no commercio, na distribuição de beneficios sociais.

Santos Dumont, por exemplo, o nosso illustre compatriota, tem consagrado a sua fortuna relativamente avultada ao progresso scientifico, na serie, mais de uma vez por nós enumerada, das suas maravilhosas experiencias.

Millionarios norte-americanos como Cornelius Vanderbilt, John D. Rockefeller Junior, John Jacob Astor, Frank Jay Gould e Bertrand Bell procuram ser julgados exclusivamente pelo seu merito, meditando como os que mais meditam, trabalhando como os que mais trabalham.

Cornelius Vanderbilt, por exemplo, tendo casado contra a vontade do pae, perdeu um patrimonio computado em quarenta milhoes de dollars. Cheio de talento, de actividade e de energia empregou-se como simples mecanico na Baldwin Locomotive Works. Dahi a pouco tempo começou a distinguir-se como inventor e hoje as suas patentes privilegiadas dão-lhe um rendimento enorme. O seu cinzeiro aperfeiçoado está em uso em dezesseis companhias de Estradas de Ferro, entre ellas a New-York Central, a Baltimore and Ohio e a Union Pacific, além dos seus modelos de carros para transporte economico de petroleo e carvão.

Desejando contribuir para o serviço publico com o seu contingente de civismo, é tenente da Guarda Nacional e trata com especial intimidade o sargento Scott, cocheiro do cab de que todos os dias se serve para seu uso pessoal.

«Morrer rico é morrer desgraçado» — tal o moto de André Carnegie, o rei do ferro; e decerto na memoria dos homens ficará para sempre gravado o nome do grande philanthropo.

John Jacob Astor, o archi-millionario, demonstrou na ultima guerra com a Hespanha o seu patriotismo, equipando á sua custa uma bateria para as Filipinas e batendo-se como um leão em frente de Santiago de Cuba. Além disso, já antes se revelara um excellente cientista escrevendo trabalhos de provado merito.

John D. Rockefeller Junior, o filho do rei do petroleo, distingue-se pelo seu amor á Egreja e ás instituições beneficentes havendo-lhes prestado os maiores serviços.

Frank Jay Gould é um dos jovens trabalhadores mais intelligentes e tenazes da America do Norte e todos lhe vaticinam um brilhante futuro.

Na Inglaterra, lord Roseberry escreve um livro admiravel de erudição e de generosidade sobre o vencedor de Austerlitz e, na Italia, Marconi, apesar de moço e pobre, é tratado de igual para igual pelos mais poderosos soberanos do universo.

A ARISTOCRACIA DO TALENTO E A DEMOCRACIA DA RIQUEZA



E' o caso de dizer: «Nem tudo está perdido no reino da Dinamarca».

De resto, principalmente nos Estados-Unidos, todos nutrem a ambição de se fazerem por si proprios e esse sentimento encontra-se mesmo naquelles que não se dedicam a empresas tendo por objecto o lucro.

Com taes habitos não ha males irreparaveis, e o pae que se arruina em virtude da má gestão dos seus negocios ou da sorte adversa, póde alimentar a esperanza de que seus filhos subirão muito alto porque o insuccesso de uma geração não resalta sobre a seguinte.

No Oeste, sobretudo, este facto é eloquente: muitas vezes um imigrante recém-chegado da Europa com a mulher e os filhos, soffre, após varias tentativas infructíferas, as maiores contrariedades. Os filhos cahem, em plena juventude, no meio americano, perdem os preconceitos europeos e estão ao abrigo dessa desconfiança geral de quem encontrou a adversidade diante de si; o futuro pertence-lhes. E' curiosissimo, por exemplo, ouvir a historia de um francez de dezoito annos, desembarcado nos Estados-Unidos ha tres ou quatro, contada ao escriptor Paul de Rousiers. Primeiro, empregou-se como pastor em um rancho de carneiros, depois como cow-boy em um rancho de gado bovino, correndo a cavallo desde pela manhã até á noite e adquirindo nesse

exercício salutar uma constituição vigorosa. Depois, quiz tentar a agricultura, mas logo a abandonou pelo jornalismo e hoje é um commerciante acreditado. Tem um cavallo veloz e um buggy e declara-se perfeitamente feliz.

E' por estes e outros exemplos semelhantes que os jovens millionarios dos Estados-Unidos se fazem perdoar a sua riqueza e os aristocratas da Europa os seus privilegios.

O mundo, hoje, pertence indiscutivelmente ao trabalho e só por elle

pódem o nascido em berço humilde ou o rico criado entre rendas e selins pretender a um grão elevado na estima publica.

Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada do JORNAL DO BRASIL

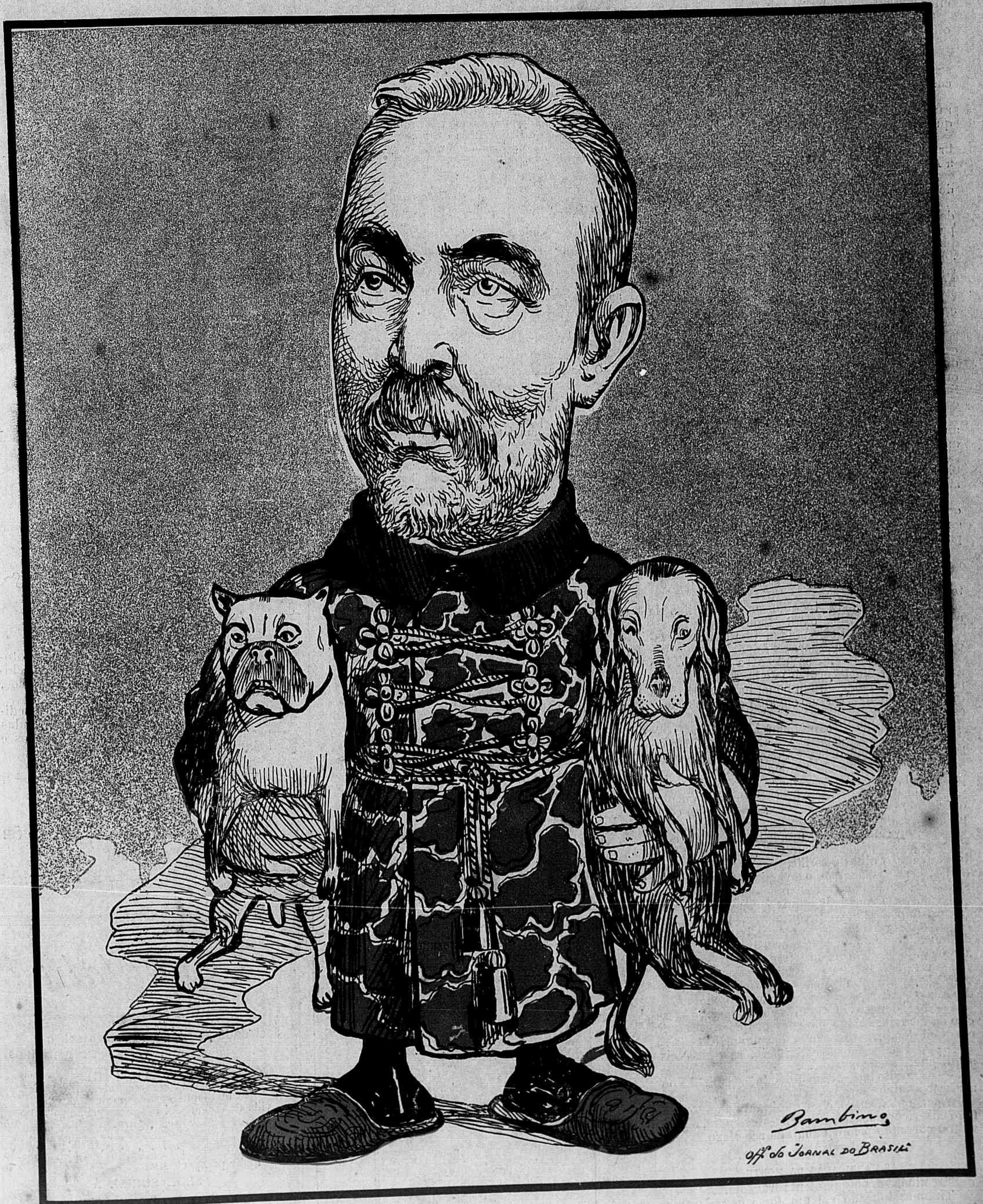
Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-técnico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 99

DOMINGO, 6 DE ABRIL

Numero : 300 réis

OS "IMMORTALES" DA "REVISTA"



Emquanto uns emmagrecem, engordam... os outros.

RAOUL DE NAVERY (82)

OS IDOLOS

XIII
JOÃO MACHU

O padre Sulpicio procurou desembaraçar-se do abraço do galé.

— Deixae-me morrer, disse; este martyrio é a mais nobre morte que eu posso ter. Deus, que é justo e misericordioso, vos levará em conta os esforços que multiplicaes para me salvar. Não me forceis a desertar das fileiras de nossos irmãos. Pronunciaste palavras perigosas; farei por esquecel-as abandonando-me ao odio de meus inimigos.

— Não! disse Machu, morreremos juntos, mas elles não se atreverão atirar.

Como que em desmentido destas palavras, o official dos federados gritou aos soldados:

— Apromptar armas!

Ainda uma vez, Sulpicio procurou escapar a seu salvador para unir-se a seus amigos que, encostados á parede, esperavam o fim desta scena.

Os soldados do batalhão do 11º districto fizeram um movimento para a frente, como a maré quando sóbe e invade a praia.

Nesse momento João Machu sentiu-se puxar bruscamente pela roupa; olhou para baixo, e viu a Anã que lhe fazia um signal mysterioso.

Ao mesmo tempo ella estendia-lhe uma capa de côr sombria.

O galé compreheu o pensamento da criada de Malthusalem, e, enquanto esta deixava passar para diante de si um grupo de mulheres avidas por ver o ultimo acto deste drama sanguinario, João Machu envolveu o padre Pomereul na capa e occultou-o por um momento aos olhos de seus inimigos.

Por muito rapido que fosse esse momento, aproveitou-o para dizer em voz baixa a Sulpicio:

— Cuidae em vossa irmã.

Então, aproveitando-se da sensação dolorosa que esses palavras acabavam de produzir na alma do padre Pomereul, Machu, coadjuvado pela desordem causada voluntariamente pela Anã, levou Sulpicio para o antigo cemiterio e attingiu uma casa velha, de que lhe fez subir a escada.

No mesmo minuto, uma descarga de artilheria annunciou que o povo de Paris acabava de commetter um dos actos mais iniquos do seu reinado.

Embora abrigados em uma casa, o padre Sulpicio e João Machu nem por isso estavam em muita segurança.

Penetraram ao acaso em um quarto vasio, onde alguma roupa de operarios estava pendurada em pregos; o galé arrancou-a, e atirando-a ao padre:

— Depressa! disse-lhe, depressa! os animaes ferozes vão voltar.

Depois, tirando um punhado de ouro e bilhetes da algibeira:

— Ah! está para indemnizar o inquilino da roupa que se lhe toma emprestada! disse.

Sulpicio decidiu-se por fim a acceitar a salvação que a Providencia parecia impôr-lhe.

Enfiou rapidamente as calças e a veste de brim azul que João Machu acabara de pagar tão liberalmente; depois enterrou um bonet na cabeça e ficou disfarçado de maneira que enganaria os olhos mais espertos.

— Vinde, disse João Machu a Sulpicio.

A casa tinha duas saídas. Com o instincto de ladrão e a agilidade de galé, João Machu abriu uma porta escusa, saltou um pequeno muro e ajudou o padre Pomereul nesta escalada.

O que elle fizera, executára-se tão rapidamente, que os algozes dos refens ainda não podiam comprehender o que acabara de passar-se.

Alegravam-se nesse momento com as convulsões supremas de suas victimas. Quando as contaram com os olhos e verificaram que faltava uma dellas, já se passára tempo de mais para que podessem deparar de novo o rastro de João Machu.

Todavia as megeras e uma turba de federados foram em perseguição dos fugitivos, percorrendo os pateos, esgravatando as casas, soltando ameaças de morte contra aquelle que acabara de os trahir, arrancando-lhes um refem.

Durante esse tempo, o padre Pomereul e o galé chegavam a um bairro deserto de onde se dominava Paris, que ainda estava em chammas.

— Ide! disse o vingador da communa... o exercito de Versailles lá está para vos proteger... Daqui em diante lembrae-vos de mim sem me amaldiçoar...

— Ah! disse o padre Sulpicio, se quizesseis seguir-me, mudar de vida...

— E' muito tarde! respondeu João Machu! Vou arriscar a minha ultima partida.

Apertando, então, com desesperada energia a mão misericordiosa que para elle se estendia, o galé voltou correndo pelo caminho da rua Haxo.

XIV

AS BARRICADAS DA MORTE

Terminára a sanguinolenta tragedia.

Tinha-se lançado em um fosso os cadaveres dos padres, depois os dos guardas de Paris, e a

população, ebria de sangue e odio, sahiu do sinistro recinto, inundando de novo a rua Haxo, a rua de Paris e o boulevard de Amandières.

O acto audaz commettido por João Machu ter-lhe-ia sem duvida atrahido a accusação de traição, que seria seguida de rapido castigo, se, apenas de volta para o meio dos federados, Rato-de-Adega não tivesse, com grande rapidez de lance de olhos e indomavel energia, indicado o plano da luta suprema.

(Continúa.)



RECREAÇÕES

As soluções dos problemas publicados no nosso numero passado são as seguintes:

Da charada benedictina, *Camara*; da charada telegraphica, *Nilo*; e da charada bisada, *Ramiro* — *Raro*.

Aymoré, Glorinha, Carmelita, Hortencia, Zica e Dagmar solveram todos os tres problemas; Petiti, Africano, Clio e Heitor Lima os dous primeiros; Nhazinha, Gondoleiro, Oiram, Boer, Coaracyára e Vandomi os dous ultimos.

Para hoje apresentamos:

CHARADA BISADA (*Nhazinha*)

3—2—A ave das Indias **RI** do estôfo.

CHARADA BENEDICTINA (*Pery*)

4—Animal: **PACA—PETA—MONA—LAGO**

CHARADA PASSIVA (*Boer*)

2—2—A arvore desta cidade produz fructo muito apreciado.

TORNIQUETE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 83

O thuribulo.

PROBLEMA N. 84

Qual é o animal que tem olhos como um gato, e não é gato, tem orelhas como um gato, e não é gato, tem rabo como um gato, e não é gato?

CORRESPONDENCIA

Clio. — Agradecemos a delicada lembrança. Boer, Heitor Lima, Carmen, Glorinha, Carmelita, Danguinha, Ananke, Grichanã, Zul, Bergerel, Rose Provins, D. Quixote, Mapegui, Consuelo, Pandorga, Africano, Xisgaravis, Oiram, Gondoleiro e Rocambole. — Recebemos os novos problemas.

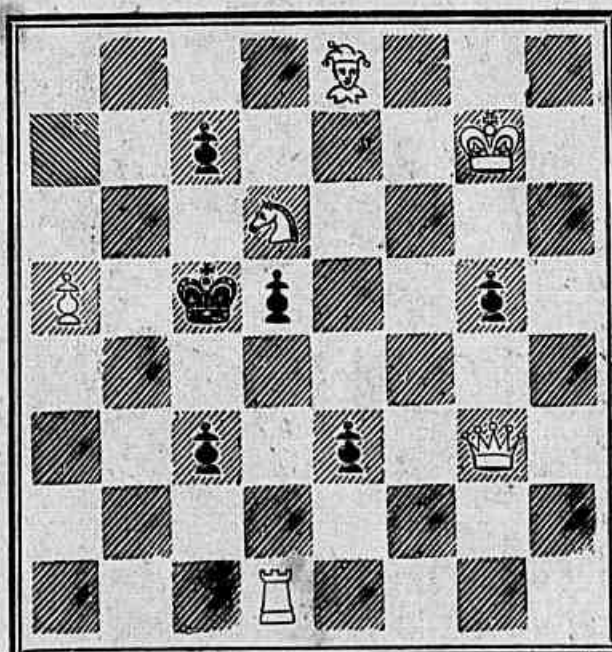
Coaracyára. — Será atendida opportunamente. Hortencia e Zica. — Scientes da comunicação.

Archimedes Junior.

XADREZ

PROBLEMA N. 123 — SALVIO (RIO)

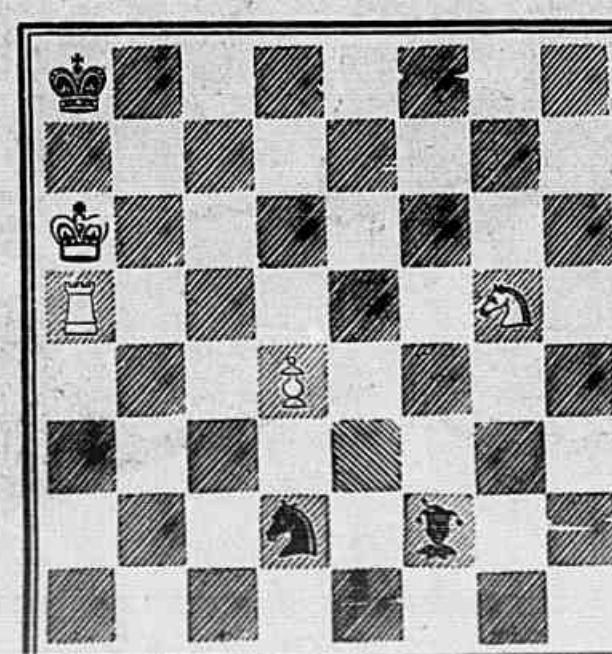
Pretas (6)



Branças (6) — Mate em 3 lances

PROBLEMA N. 124 — LISSENER (VIENNA)

Pretas (3)



Branças (4) — Mate em 4 lances

O problema n. 122 de Vaclay, publicado no numero passado, está perfeitamente certo, não obstante constar no mesmo a indicação de 8 peças pretas, em lugar de 9.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 119 (*Mackenzie*)

1—D 3 T, P 5 C—2—D 6 T! etc
1—....., P 7 B—2—D x P etc
1—....., R x T—2—C 7 D. x. etc
1—....., R 6 R—2—C 5 D. x. etc
1—....., outra—2—D 5 B. etc.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 120 (*Dr. Luiz Soares*)

1—B 4 D, P 3 C—2—T 7 C, P 6 B—3—C 3 C. etc.

Resolvidos pelos srs. K. R. Theo, Silvano, Alípio de Oliveira, Mlle. B. E. Dr. C. L. Roberts, Salvio e Jofemo. n. 119: Auto, e n. 120, Caissano e Zozoe.

Partida n. 40 — Ruy Lopez

Branças (Tresling)

1 P 4 R
2 C 3 B R
3 B 5 C
4 Roque
5 C 3 B
6 P 4 D
7 C 5 D
8 C x B x
9 P 5 D
10 B 3 D
11 C 1 R
12 P 4 B D
13 B 3 R
14 T 1 B
15 T 3 B
16 B 2 B
17 P 3 B
18 B 2 B
19 P 4 C R
20 T 3 T
21 R 2 C
22 P 3 T
23 T 1 T
24 P 4 C
25 P 5 B
26 D 1 B
27 P B x P
28 B x P T
29 P T x P
30 B 1 C R
31 R x T
32 R 2 C
33 Abandonam.

Pretas (Atkings)

P 4 R
C 3 B D
C 3 B
P 3 D
B 2 R
C 2 D
Roque
D x C
C 1 D
R 1 T
P 3 B R
C 2 B
T R 1 C
P 3 C R
C 4 B
P 4 B
P 5 B
P 4 C R
C 2 D
C 3 B
P 4 T R
R 2 C
T 1 T
C 3 T
B 2 D
R 3 C
P B x P
P x P
B (3 T) x P
T x T
D 2 T x
D 6 T x

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção do JORNAL DO BRASIL, á rua Gonçalves Dias n. 54, *Secção de Xadrez*.

Heibas.

PHOTOGRAPHIA

Grande sortimento de material photographico, recebido directamente; machinas, chapas, papeis, productos chimicos, etc., etc.

Acaba de sahir do prélo a nova edição do catalogo, contendo as formulas usadas pelos principaes photographos e amadores desta Capital e da Europa.

—«DISTRIBUIÇÃO GRATUITA»—

BASTOS & DIAS

52 Rua Gonçalves Dias 52

SOBRADO

Equitativa

Sociedade de seguros mutuos sobre a vida, terrestres e maritimos

EMITTE APOLICES
de seguro de vida com resgate em dinheiro
mediante sorteio annual em
vida do segurado, desde o primeiro anno
de seguro.

Seguros realizados. . . . 85.000:000*000

Pedir prospectos na

SÉDE SOCIAL Á

7 RUA DA CANDELARIA 7

DENTES ARTIFICIAES**A. F. de Sá Rego**

ESPECIALISTA

1 RUA GONÇALVES DIAS 1

— E —

212 PRAIA DE BOTAFOGO 212**JEZLER**

E' o fabricante de charutos mais antigo e mais acreditado da Bahia. Emprega para a confecção de seus charutos — fumo velho de safras anteriores — Experimentem as marcas: **CONCORDIA, IRMÃS, BENJAMIM, VICTORIA, CREME e AROMATICOS.**

A' venda em todas as charutarias

E NO

DEPOSITO DOS AGENTES

BOREL & G.**62 Rua da Quitanda 62****LOTERIAS DA CANDELARIA**

Em beneficio do Recolhimento de N. S. da Piedade
Sob a immediata
responsabilidade da mesma Irmandade, decretos
municipaes ns. 543, 7 de maio
de 1898 e 779, de 3 de novembro de 1900

EXTRACÇÃO

EXTRACÇÃO

ÀS 2 1/2 HORAS DA TARDE

88 RUA DOS OURIVES 88
PREMIO MAIOR**20:000\$000**

Só jogam 5.000 bilhetes a 10\$000, divididos em decimos de 1\$000

Acceptam-se pedidos de numeros certos para todas as loterias. Os pedidos do interior devem vir acompanhados do respectivo sello. As encomendas são respeitadas até a vespera do dia da extracção.

As vendas verificam-se até uma hora antes da extracção.

Agencia geral: **88 RUA DOS OURIVES 88**O agente geral, **JOSÉ JOAQUIM DO ROSARIO****LOTERIA ESPERANÇA**

EXTRACÇÕES DIARIAS

EM

NICTHEROY e ARACAJU'

Os bilhetes acham-se á venda em todas as localidades do Brasil e especialmente na agencia geral á rua Visconde do Rio Branco n. 67, Nicttheroy — O representante da companhia, **M. MELLO.**

COMPANHIA

DE

Loterias Nacionais do Brasil

SEDE: CAPITAL FEDERAL

RUA NOVA DO OUVIDOR 92 e 92 A

Caixa do Correio n. 41

Endereço telegraphico — **LOTERIAS**

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

EXTRACÇÕES A RUA S. JOSE' N. 29

LOTERIA DA CAPITAL

EXTRACÇÃO

SABBADO 5 DE ABRIL

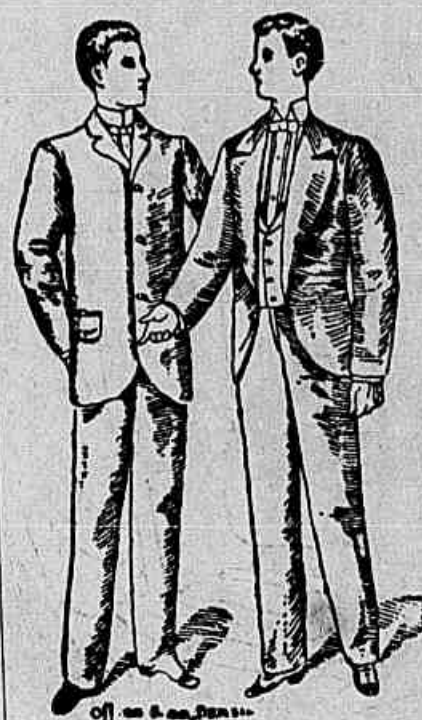
ÀS 3 HORAS DA TARDE

N. 75 — 10⁴**200:000\$000**

Inteiros 15\$000 — Vigésimos 750 réis

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de **Camões & C.**, becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico **PEKIN**, caixa do Correio 946 e **Luiz Veloso & C.**, rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico **LUZVEL**, caixa do Correio 817, as quaes só recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados das loterias da Capital Federal e encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções.

Acceptam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.



— E' o que te digo; dou preferencia a comprar roupas na casa Mendonça, rua Gonçalves Dias n. 8, porque lá sou bem servido e por preço razoavel.

— Mas quanto te custou esse terno?

— Este mandei-o fazer por 100\$000, e quando quero um terno dos mais baratos compro dos que existem feitos, desde 35\$000, valem 50\$000. E para casa e collegio gastos costumes de brim, desde o preço de 12\$000 até 20\$000, e outras roupas que elle lá tem; muito boas e barato.

— Pois vou dizer a papae para se afreguezar nessa casa.

LYCETOL GRANULADO EFFERVESCENTE

Preparado pelos Pharmaceuticos

CARVALHO, GIFFONI & C.

O Lycetol (tartrato de dimethyl piperazina) é o mais poderoso dissolvente do acido urico, e, sob a forma agradável e elegante de *granulado effervescente*, corresponde ás seguintes

INDICAÇÕES

Diathese urica, areias, calculos biliares, e vesicaes, inflammções dos rins e da bexiga, reumatismo, gota, dermatoses inflammatorias, arterio-sclerose, colicas, nephriticas, etc., etc.

MODO DE USAR:

Toma-se pela manhã, ao meio-dia e á noite, na dose ao conteúdo de uma a duas medidas (das que acompanham o frasco) de uma vez, dissolvido em agua simples ou em outro liquido, ou então ás refeições, segundo a recommendação do medico. (*Vide a Bula*).

PHARMACIA E DROGARIA, DE CARVALHO, GIFFONI & C.

8, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 8
RIO DE JANEIRO**A SUL AMERICA**

é a mais importante

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Funcionando no Brasil

Possue fundo de garantia — Realizado em dinheiro e superior a Rs. 8.500:000\$000

Já emittiu seguros no valor superior a Rs. 100.000.000\$000

Pagou por sinistros mais da Rs. 2.500:000\$000.

Unica Companhia Brasileira que funciona nas Republicas Argentina, Uruguay, Chile, Perú, Bolivia, Equador e Paraguay

SEDE SOCIAL

56, Rua do Ouvidor
RIO DE JANEIRO**CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS**

DO

JORNAL DO BRASIL e da REVISTA DA SEMANA

« JORNAL DO BRASIL »

Uma edição, da manhã ou da tarde, separadamente:
Por anno 30\$000
Por semestre 16\$000

Dois edições, da manhã e da tarde, conjuntamente:
Por anno 56\$000
Por semestre 28\$000
Por trimestre 15\$000

« REVISTA DA SEMANA »

Por anno (remessa com porte simples). 18\$000
Por anno (remessa registrada). 28\$000
Por semestre (remessa com porte simples). 10\$000
Por semestre (remessa registrada). 15\$000

Os assignantes das duas edições do Jornal do Brasil receberão gratis, como premio, a Revista da Semana. O assignante de uma só edição do Jornal do Brasil receberá como premio o Anuario Illustrado do Jornal do Brasil.

Companhia Typographica do Brazil
GRANDE FUNDIÇÃO DE TYPOS**Rua dos Invalidos, 93 — RIO DE JANEIRO**

Representante dos principaes fabricantes da Alemanha e França

TEM SEMPRE em deposito grande quantidade de tipos para obras e de fantasia.

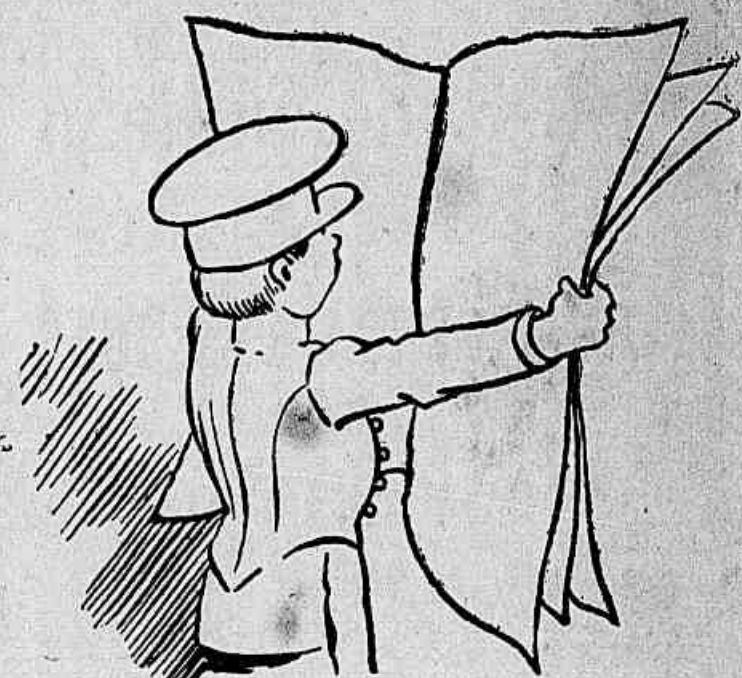
ENCARREGA-SE de montar officinas typographicas para jornaes e avulsos, e mandar vir machinas de

impressão de todos os systems.



JORNAL DE UM JORNAL, por Albert Guillaume

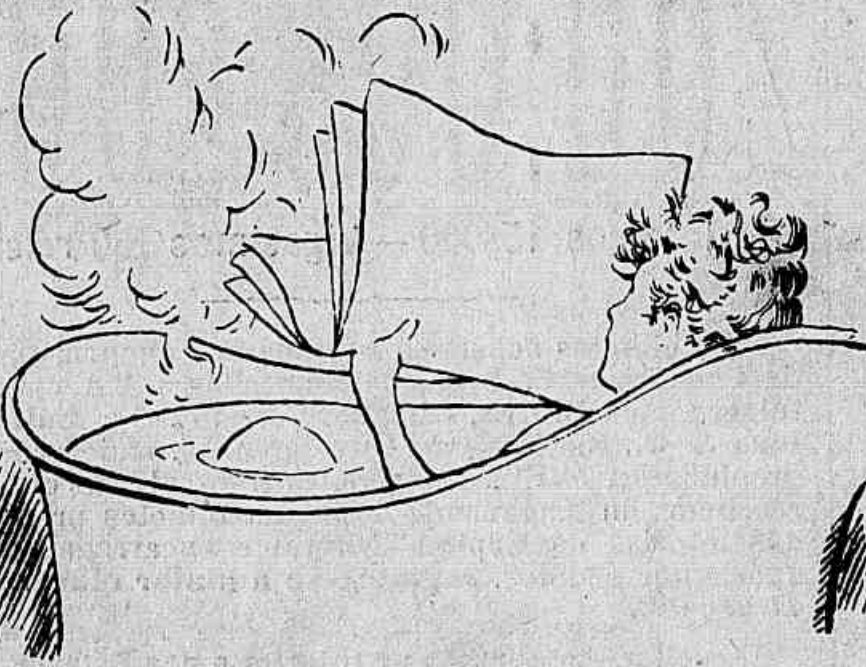
Um inspector, delegado pelo Syndicato da Imprensa, tendo interrogado os exemplares « não vendidos » de uma grande folha da manhã, ouviu de um delles a narrativa contristadora das seguintes manobras fraudulentas de que fôra objecto :



— Mal tinham acabado de collocar-me no taboleiro do kiosque, senti que me puxavam pela cabeça: era um garçon de café que tomava conta de mim: « Só para ver se o meu companheiro chegou », a dona do kiosque, respondeu-lhe com o melhor dos seus sorrisos hediondos.

— Depois de haver impudentemente percorrido as minhas columnas, levou-me, cõprendo, á caixa do café (um fazendão!) que lhe agradeceu nos seguintes termos: « Já l'o dou: só o tempo de ver como acaba o folhetim ».

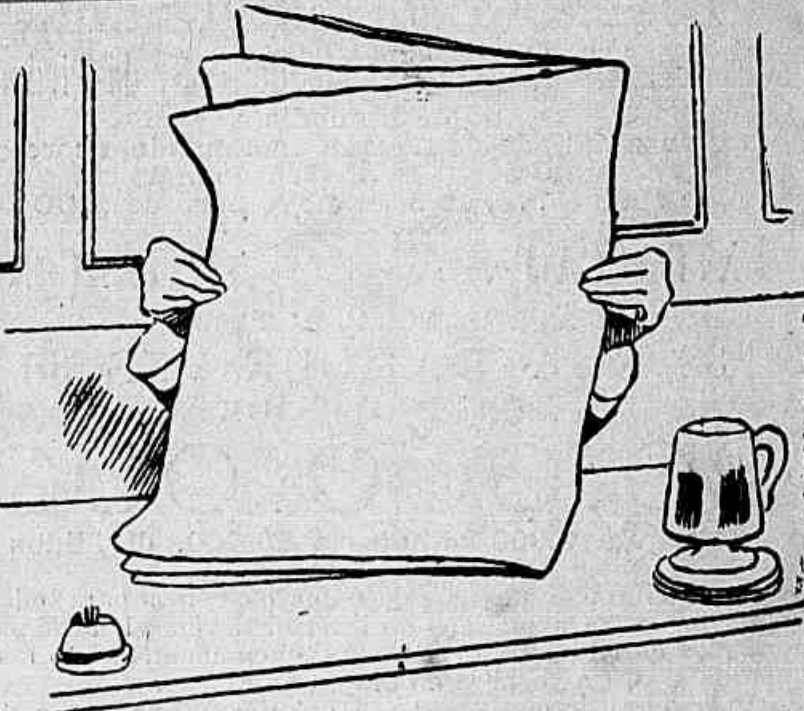
— Foi ao « chasseur » que ella me entregou, com ar de pouco caso. Este, passava os olhos pelo boreco da quarta pagina quando o apello estridente do tubo acustico lhe ordenou « que me fosse comprar » — (textual!) — ao kiosque visinho por conta do patrão.



— O « chasseur », sem pestanejar, metten no bolso o soldo que eu lhe não eustara, enquanto eu, apesar da minha cõr notoriamente moderada, corava até aos annuncios. Neste meio tempo o patrão verificava extaticamente a inserção do seu generoso donativo de dous francos para a Liga que se propõe repovoar a França.

— Encontrando o que procurava, levou-me triumphante, á esposa, recommendando-lhe que não me deixasse molhar. Com effeito, ella poz-se a ler, com mil precauções e muito interesse, os « faits divers ».

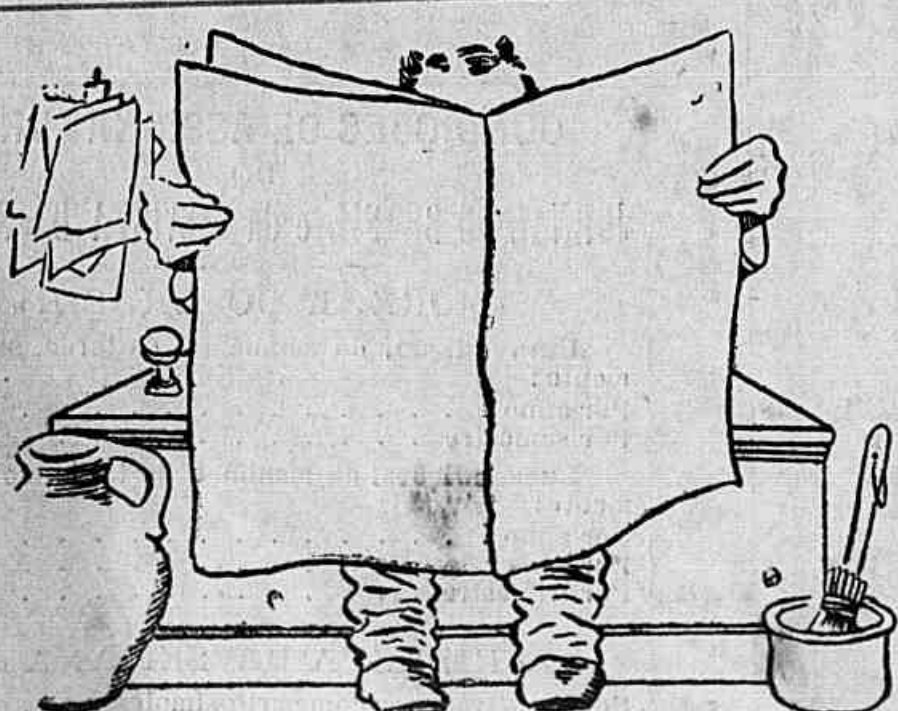
— Tornei a descer ao café, pela mão de uma creadinha, legitimo azougue, que tinha querido deitar o rabo do olho á noticia de um baile de gente grãda a que assistira na vespéra.



— O primeiro freguez que me pediu foi « uma freguezia » para procurar na minha « Pequena Correspondência » a resposta de G. M. E. L. N. a S. A. C. Q.

— Quando, pensativa, me depoz na mesa de leitura, um sujeito todó afobado deitou-me as unhas exclamando: « Quero ver se é para hoje a promoção das palmas academicas » Não era. Que pena!

— E dobrou-me com um máo modo que começava a irritar-me a vaidade, quando um visinho complacente veio em meu auxilio: « Um momento apenas, cavalheiro. Só para ver se collocaram em um bom logar uma reclamação assignada « Um velho assignante ».



— O freguez que, em seguida, se apoderou de mim era um jornalista. Desejava saber se o seu « Echo » fôra publicado e levou-me para um logar cujo nome o pudor me impede de proferir.

... e onde o garçon me encontrou, pobre folha cahida... Pelas suas exclamações afflictivas comprehendí que escapara a algum perigo terrivel... E tempo de o restituir á dona... murmurou, alizando-me sollicitamente as pregas.

— E cá estou outra vez, sr. inspector... concluiu o pobre jornal tremendo como uma folha.

Guillaume
DO JORNAL DO BRASIL